

# **NAÇÃO, TRADIÇÃO E MODERNIDADE: OS TIPOS SOCIAIS MOÇAMBICANOS NO ROMANCE PÓS-COLONIAL “UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA” DE MIA COUTO.**

**Francisco Osmano Lima Arruda<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre os tipos sociais moçambicanos no romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” de Mia Couto no qual o autor apresenta personagens cujas atitudes são facilmente identificadas com diversas personalidades africanas no contexto pós-colonial. O trabalho analisará o modo como as pessoas enfrentam ou assimilam o processo colonizador e as consequências dessas atitudes em Moçambique e demais países do continente africano. Diante das distinções entre os principais personagens da obra é possível associá-los a comportamentos diversificados durante as fases do processo de colonização e seu enfrentamento. Além dos personagens serão analisados os conceitos de nação, tradição e modernidade. Quanto à nação serão analisadas as fronteiras e dicotomias recorrentes no romance, como “morte e vida, cidade e ilha, casa e espaço celeste, senhores e servos...” Por fim, serão apontadas as possíveis pontes entre esses paradoxos e sua contribuição para a formação de uma identidade tanto nacional quanto pessoal na tentativa de conciliar a tradição e a modernidade.

**Palavras-chave:** Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Identidade Nacional. Tradição e Modernidade.

## **ABSTRACT**

The present work aims to discuss the Mozambican social types in the novel “Um river called time, a house called earth” by Mia Couto in which the author presents characters whose attitudes are easily identified with different African personalities in the post-colonial context. The work will analyze how people face or assimilate the colonizing process and the consequences of these attitudes in Mozambique and other countries on the African continent. Given the distinctions between the main characters in the work, it is possible to associate them with diversified behaviors during the phases of the colonization process and its confrontation. In addition to the characters, the concepts of nation, tradition and modernity will be analyzed. As for the nation, the borders and dichotomies recurrent in the novel will be analyzed, such as “death and life, city and island, house and celestial space, masters and servants...” Finally, possible bridges between these paradoxes and their contribution to the formation of both national and personal identity in an attempt to reconcile tradition and modernity.

**Keywords:** Mia Couto. A river called time, a house called earth. National Identity. Tradition and Modernity.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Aberta do Brasil.

<sup>2</sup> Professora adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Doutora e Mestre em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É pesquisadora na área de literaturas africanas de língua portuguesa

## 1. INTRODUÇÃO.

Confirmando o provérbio clássico *Scripta manent, verba volant* a maioria das sociedades humanas tende a valorização da escrita em detrimento da oralidade. Esta prática tem sido empregada por nações que historicamente ousaram expandir seus territórios e impor sua cultura sobre as demais. Os gregos são prova disso, quando Dionísio, o Trácio (170 a 90 a. C), elaborava a primeira gramática com a finalidade de sistematização e ensino da língua e cultura helênica. A primeira gramática da língua portuguesa também foi elaborada no contexto de expansão territorial e colonização pelo português Fernão de Oliveira em 1536, com o mesmo intuito dos gregos anteriormente, ou seja, sistematizar e ensinar aos povos conquistados a língua do colonizador. Partindo da importância dada à escrita como instrumento de dominação, mas por outro lado, percebendo nesta mesma ferramenta a possibilidade de conscientização e consequente emancipação social e política, o presente trabalho discorrerá sobre a importância da escrita como ponte temporal para por em diálogo a tradição e a modernidade na cultura africana, em geral, e em Moçambique, a partir do romance de Mia Couto, no qual é perceptível a necessidade da apropriação desta habilidade, mesmo em culturas profundamente marcadas pela oralidade.

Nesta dissertação serão analisados também os tipos sociais moçambicanos, presentes no referido romance no qual o autor apresenta personagens que podem claramente ser associados a pessoas e suas atitudes no contexto pós-colonial da história moçambicana. Nesse contexto, serão analisadas as formas de enfrentamento ou assimilação por parte dos moçambicanos, bem como mencionará eventualmente outros países africanos semelhantes em contexto por decorrência do processo colonizador e suas implicações para o continente africano. Sendo variadas as personalidades, e portanto, as formas de atitudes diante da figura colonizadora e suas consequências, são múltiplas também as análises que podem ser elaboradas a partir dos personagens apresentados na obra e sua significação histórica e identitária. Quanto ao paradigma identitário, serão estudados, a partir dos personagens e suas características, as posturas adotadas por setores sociais diante do processo de colonização, tanto de resistência quanto de assimilação. Em decorrência dessa análise, serão observadas as consequências de cada ação ou inação diante do processo colonizador.

O romance em questão, apresenta certa preocupação com o restabelecimento de laços familiares, o respeito pelo patrimônio, pela memória cultural, e mesmo a

preservação física de lugares, no caso do romance a da ilha Luar-do-Chão (metonímia de Moçambique):

ameaçada pela ganância dos novos donos do poder (político e econômico), a exemplo da personagem Últímio; pelo sentimento de apatia e alienação, como Abstinência, ou o desencanto e desânimo com o presente, demonstrado pelo ex-guerrilheiro Fulano Malta, além de muitas situações não resolvidas da vida de Mariano e das mulheres da família (SARAIVA, 2012, p.51).

Diante deste cenário, Marianinho terá o desafio de harmonizar um mundo em conflito e a missão de religar os elos familiares, inclusive os antepassados que “ecoam nas vozes dos vivos”. O narrador-personagem terá ainda que reintegrar-se à sua cultura e tradição. Também serão objeto de estudo as semelhanças entre os nomes próprios e a postura dos nomeados.

Desse modo, a primeira seção deste trabalho se debruçará sobre o conceito de nação no período pós-colonial em Moçambique e a importância do romance em questão, bem como da produção de Mia Couto e demais escritores e escritoras moçambicanos para cunhar este conceito e lapidar as características da identidade que compõem o cenário deste e de outros países em igual situação. Na segunda seção será analisada a relação entre tradição e modernidade figuradas pelo narrador-personagem e seu avô/pai. Também nesta seção serão postos em evidência os aspectos culturais e seu necessário diálogo com o progresso representado pelos estudos do protagonista e a aquisição de conhecimentos deste, que devem associar-se aos saberes ancestrais, para assim capacitá-lo para o pleno exercício da manutenção da casa (terra/ilha) através do rio/tempo.

Por fim, na terceira e última seção os personagens apresentados serão analisados por meio de suas atitudes e características, sendo assim associados aos tipos sociais moçambicanos, e humanos em geral, diante de situações conflituosas como a colonização e o processo emancipatório em termos nacionais e particulares. Também será abordado o papel social desenvolvido pelas figuras femininas no romance, além de uma análise acerca do quanto este papel se reflete na sociedade moçambicana e nas demais ex-colônias.

Tendo em vista a importância da tomada de consciência histórica para efetivação das liberdades e formação de uma identidade nacional, é de suma relevância o conhecimento e a análise de obras - como a abordada neste trabalho - que possam contribuir para a aquisição de experiências que possam ser erigidas como meios exitosos de promoção de valores como a liberdade, a igualdade e o sentimento de fraternidade

entre as nações que apresentam um passado histórico semelhante, como é o caso das ex-colônias portuguesas, inclusive o Brasil.

## **2. MIA COUTO E O ROMANCE “UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA” – NAÇÃO, FRONTEIRA E IDENTIDADE NO PÓS-COLONIALISMO MOÇAMBICANO.**

O autor do romance que norteará o presente trabalho é conhecido como Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nascido na cidade da Beira, em Moçambique, em África, no dia 5 de julho de 1955. Além de escritor é também jornalista, biólogo e poeta. Aos 14 anos, publica seus primeiros poemas no jornal Notícias da Beira. Em 1971 deixa sua cidade e vai para a capital Lourenço Marques, hoje Maputo, onde ingressa no curso de Medicina, mas depois de três anos abandona a faculdade. A partir de 1974 dedica-se ao jornalismo. Foi diretor da revista semanal Tempo, entre 1979 e 1981, e trabalhou no jornal Notícias, até 1985. Em 1983, Mia Couto publicou seu primeiro livro de poesias *Raízes de Orvalho*. Em 1985, abandonou a carreira de jornalista e ingressou no curso de Biologia, da Universidade de Eduardo Mondlane, com especialidade em Ecologia. Seu primeiro romance *Terra Sonâmbula*, escrito em prosa poética, é publicado em 1992, no qual o autor apresenta uma metáfora de Moçambique pós-independência, período marcado por uma guerra civil que se estendeu por dez anos. É o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais, por vários dos seus livros e pelo conjunto da obra literária, entre eles: Prêmio Virgílio Ferreira (1999, pelo conjunto da obra), Prêmio União Latina de Literaturas Românicas (2007) e Prêmio Camões (2013). É o único escritor africano que é membro da Academia Brasileira de Letras, como sócio correspondente, eleito em 1998, para a cadeira nº 5.

Desde a infância convive em um contexto de diversidade cultural. Nascido na Beira, segunda cidade mais populosa de Moçambique, o que possibilitou o contato com muitos europeus e seus descendentes nascidos em Moçambique, também com negros, indianos e chineses. Essa pluralidade com a qual convive desde a infância rendeu ao escritor uma consciência da multiplicidade das culturas como um valor. A convivência entre os diferentes grupos étnicos que formam Moçambique e o valor da multiplicidade são sensíveis no romance norteador do presente trabalho.

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* publicado inicialmente em 2002 narra de modo poético o retorno de Marianinho a Luar-do-Chão (metonímia para Moçambique) onde experimentará uma volta processual às suas origens. Na ilha natal, recebe a missão de comandar as cerimônias fúnebres do avô Mariano - de quem recebeu o mesmo nome e de quem era o neto favorito. Devido ao tempo que passou na cidade e aos hábitos adquiridos por lá ele se sente estranho tanto para sua família quanto para sua raça, por essa razão o narrador-personagem sente que precisa renascer. Sucedem-se a sua chegada várias intrigas e segredos familiares que envolvem o pai do protagonista, Fulano Malta, sua avó Dulcineusa, os tios Abstinêncio, Último e Admirança e sua falecida mãe, Mariavilhosa. A ilha Luar-do-Chão encontra-se entre a vida e a morte, igualmente ao seu avô. Cabe a Marianinho a missão de auxiliar na transição do avô e da ilha para que ambos encontrem uma forma de manter vivas as memórias e tradições, tanto no âmbito pessoal e familiar, quanto em Moçambique e em África pós-colonial. O romance trata, portanto de questões pessoais, familiares, nacionais, continentais e universais.

A modernidade é marcada por distintas formas de diásporas e mestiçagens, e isso desestabiliza a afirmação de identidades. O contexto de globalização e evasão de fronteiras, impele o sujeito contemporâneo à convivência inevitável com a alteridade e um necessário diálogo no qual o reconhecimento do outro é condição fundamental para a construção dessa identidade questionada a todo instante. O sociólogo e filósofo polonês Zigmunt Bauman (1925-2017) refere-se a essa inconstância característica da atualidade como “modernidade líquida” na qual “... qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2005, p.12). A pluralidade cultural parece desafiar a humanidade no contexto da realidade atual, e nesse sentido o romance acima mencionado, que pautará este trabalho, poderá sugerir pistas a partir do realismo fantástico para auxiliar o homem moderno a encontrar pontes que permitam o trânsito entre identidade e alteridade, transpondo as fronteiras impostas por uma sociedade que pretende negar os valores e desafios presentes nestes conceitos.

A constante tensão experimentada pela sociedade moderna é representada no romance por diversos pares que sugerem um confronto existencial: a cidade e a ilha, a vida e a morte, a tradição e a modernidade, a luz e o escuro, os senhores e os servos, e assim por diante. O protagonista ao referir-se à falta de teto na casa, por ocasião do estado cataléptico do avô, afirma: “A luz e o escuro aproveitam a ausência do tecto. Aflige-me

aquela desproteção” (COUTO, 2002, p.12). O ser humano desde os primórdios buscou meios que o proporcionassem o sentimento de proteção, tanto fisicamente quanto existencialmente. Do ponto de vista existencial esse refúgio foi encontrado na formação de grupos familiares e de modo ampliado em nações. Nestes grupos a sensação de segurança reside além da proximidade física e geográfica na afirmação de uma identidade comum, demarcada por fronteiras que marcam limites e possibilidades.

A ausência de fronteiras tanto na realidade quanto na obra ficcional costuma causar receio nos atores sociais e provoca em grande parte destes um desejo de enclausurar-se em espaços e tempos que os devolvam a sensação de segurança ameaçada. No entanto, há outros que buscam na unidade esta proteção e para tanto, alargam as fronteiras e põem sua identidade em diálogo. Na ilha Luar-do-chão o nome dado à casa busca contemplar os parentes do norte e do sul usando a denominação linguística usual nestes extremos – Nyumba-Kaya, respectivamente os nomes no Norte e no Sul. O mesmo desejo de unidade em África se encontra na sentença atribuída ao angolano Antônio Agostinho Neto – o poeta presidente – “De Cabinda ao Cunene, um só povo, uma só nação”. Pensamentos semelhantes a esses reforçam a necessidade de manutenção de uma unidade em torno de um sentimento comum que desperte a pertença a uma nação, a um povo e uma causa.

No romance a figura de Fulano Malta (pretenso pai do protagonista) exemplifica bem a noção de identidade nacional. Diferente de seus irmãos Abstinência e Último, ele não se submete ao processo de assimilação imposto pelo império português. Junta-se ao grupo de guerrilheiros e vai lutar pela independência, deixando em casa a esposa grávida. Nesse sentido, o personagem sobrepõe o ideal patriótico a motivações pessoais. No entanto, após a libertação do domínio português, Fulano não vê razões para comemorar, pois não percebe o sentimento de unidade que esperava. Mais uma vez o romance apresenta as dicotomias que metaforizam o sentimento de desilusão em vários países africanos no período pós-colonial: “As pessoas que assumiram o poder não eram as mesmas que lutaram pela liberdade”. Após estas constatações, Fulano comprova: “Era um estrangeiro não numa nação, mas no mundo” (COUTO, 2002, p. 25).

Por outro lado, o protagonista do romance que aqui é objeto de análise, Marianinho, busca a construção de uma identidade a partir da alteridade, alteridade essa aprendida por ele quando foi morar na cidade grande. Desta vez, precisará fazer o caminho inverso, percebendo “os outros” existentes em Luar-do-Chão. Aquele que se sentira um estranho fora da ilha, sente-se agora outra vez estranho, dentro dela. Para

integrar-se novamente precisará reconhecer na sua voz os relatos e as memórias dos nativos, dos estrangeiros e excluídos de Luar-do-Chão. Desse modo, conseguirá êxito em sua missão de assegurar um espaço para todo tipo de diversidade, configurando a formação multiétnica daquele lugar e de sua população.

Nas diferentes formas de lidar com as situações fronteiriças estão os temores de sentir-se estrangeiro em sua própria nação e no mundo como Fulano Malta. Há ainda o receio de transpor as fronteiras que causam a sensação de segurança a qual o ser humano tanto aspira. Por fim, o medo de não reconhecer sua identidade e as amarras que a sustentam fazem com que a alteridade seja vista como uma ameaça a ser combatida, ao invés de encará-la como um valor a ser agregado ao convívio humano. Na raiz de todos estes temores está o sentimento de rejeição, pois segundo a personagem Miserinha: “A verdadeira miséria é não ter parentes” (COUTO, 2002, p.51).

### **3. TRADIÇÃO E MODERNIDADE: OPOSIÇÃO OU COMPLEMENTAÇÃO?**

A importância da tradição para a cultura africana é indiscutível, e por essa razão os artistas que a compreendem em seu contexto buscam apresentá-la e ressaltar seus valores, embora não esqueçam de manifestar também seus contra valores. No romance em questão, o escritor moçambicano Mia Couto apresenta essa tradição em um necessário diálogo com a modernidade como forma de sobrevivência da ilha Luar-do-chão, uma clara referência ao caminho que Moçambique e outras nações africanas devem trilhar no contexto do pós-colonialismo diante de um mundo irremediavelmente globalizado. Nesse diálogo, tanto a tradição quanto a modernidade são personificados nos personagens que deixam transparecer os benefícios e males que ambas podem proporcionar aos seres humanos e à natureza como um todo.

No início de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* a tensão cultural é explicitada por meio do diálogo envolvendo o narrador-personagem (Marianinho) e a emblemática Miserinha, quando esta diz àquele: “Você lê o livro, eu leio o chão... A terra tem suas páginas: os caminhos”. Semelhante conversa é travada entre Dito Mariano e o doutor Amílcar Mascarenhas na qual o primeiro afirma: “O senhor estudou nos livros, eu estudo na chuva, ela é minha ensinadora”. As metáforas entre o conhecimento de mundo a partir de observações empíricas e o saber pautado pela leitura estão presentes ainda quando o coveiro Curozero – referindo-se a sua profissão - fala a

Marianinho: “Isso é arte. É como quando você deita um papel na secretária e lhe ajeita suas escritas”. Diante dos diálogos transcritos fica evidente que, apesar de Marianinho ser detentor do saber letrado que os livros proporcionam, necessita adquirir também um conhecimento que seja baseado na observação da terra, conforme diz Miserinha. Carece também observar os elementos da natureza, como fazia seu avô – Dito Mariano. E, observar, finalmente que afazeres presumidamente simples, como o do coveiro Curozero, requerem bastante saber e apurado discernimento. Estes e outros saberes proporcionados pela tradição e transmitidos ancestralmente por meio da oralidade precisam ser perpetuados, e para tanto, precisam ser inicialmente reconhecidos e valorizados.

Apesar do necessário reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais, é inegável também o papel da escrita na obra, uma vez que o velho Mariano irá dispor desta ferramenta dialogal para revelar suas falhas passadas e dar pistas para um futuro mais assertivo, quando por meio de cartas diz ao neto/filho: “A escrita é a ponte entre os nossos e os seus espíritos. Uma ponte entre os Malilanes e os Marianos” (COUTO, 2002, p. 46). Nesses escritos, ao falar de seu passado, o avô Mariano ensina Marianinho com base em seus próprios erros e o aconselha: “Lembre de mim essa vergonha e cresça por cima da minha fraqueza” (COUTO, 2002, p.89). Sendo a escrita uma ponte entre os espíritos ancestrais e os modernos, o avô Mariano – que utiliza tal artifício – revela ao fim do romance que: “Já não necessita lhe escrever por caligrafada palavra” (COUTO, 2002, p.97). A partir de então, os diálogos entre o velho e o novo Mariano se darão à sombra de uma árvore na qual descansa o ancestral. Uma análise do papel da escrita e da oralidade no romance em questão permite observar que ambos possuem o seu valor, podendo ser aplicados em diferentes contextos, e essa aplicação resulta numa necessária e salutar complementação. Infere-se, portanto, que não só em Moçambique, bem como em outras nações africanas, e demais países marcados pelos estigmas da colonização, a valorização da tradição e aquisição dos saberes proporcionados pela modernidade são complementares e devem ser harmonizados, de modo que favoreçam e efetivem os anseios por uma vida fraterna e mais justa nesta casa chamada terra.

A dinâmica dialogal exposta nesse romance de Mia Couto encontra ressonância nas palavras do patrono da educação brasileira, o educador Paulo Freire, quando este afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p.17). Tal afirmação implica dizer que a base para qualquer construção de conhecimento deve partir da vivência prática, da observação da terra, da natureza e daqueles que a

sociedade julga como mais simples, pois nestes elementos residem conhecimentos indispensáveis a aquisição de uma cultura sólida e consciente.

O respeito à tradição, aliado ao domínio dos saberes modernos são percebidos, na obra que norteia este trabalho, como dois dos critérios indispensáveis para que a ilha Luar-do-chão possa reviver. Esta afirmação apoia-se na sentença proferida por Dito Mariano a Marianinho: “Você tem que salvar Luar-do-chão. Sim, faltava-nos um que viesse de fora, mas fosse de dentro” (COUTO, 2002, p.67). Somente alguém que possui conhecimento acerca de visões distintas é habilitado para emitir um julgamento mais amplo que contemple os valores e carências presentes no modo de vida moderna e na forma tradicional. Uma breve análise das atitudes dos tios – que ao longo do romance convertem-se em irmãos – de Marianinho revelam a necessidade de harmonização entre tradição e modernidade. O personagem Últímio, por exemplo, não demonstra respeito às tradições, apego à Nyumba-Kaya, nem respeito pelos mais velhos. Nesse sentido, ele seria o exemplo de uma das faces da modernidade que ignora o saber ancestral, despreza os laços com o passado e desconhece o valor da manutenção da tradição. Por outro lado, o melancólico Abstinência e o rebelde Fulano Malta são bastante respeitosos à tradição, mas parecem presos a um passado, o que não os permite habitar a casa grande, vivendo ambos em barracas separadas e enfrentando sozinhos os fantasmas de seu passado. “Abstinência tinha tristeza por Últímio e inveja da coragem de Fulano” (COUTO, 2002, p.44). Já “Fulano Malta passara por muito. Em moço se sentira estranho em sua terra. Acreditara que a razão desse sofrimento era uma única e exclusiva: o colonialismo. Mas depois veio a Independência e muito da sua despertença se manteve. E hoje comprovava: não era de um país que ele era excluído. Era estrangeiro não numa nação, mas no mundo” (COUTO, 2002, p.25). Em várias passagens do romance Abstinência e Fulano demonstram o respeito pela tradição, como quando Marianinho chega à ilha e Abstinência cumpre os ritos ao pedir permissão ao rio para adentrarem, traçando rabiscos na margem e dizendo: “O homem trança, o rio destrança” (COUTO, 2002, p.6). A mesma reverência à tradição é percebida em Fulano quando este asperge a cabeça de Marianinho com cinzas e explica ser esta uma forma de afugentar os maus espíritos.

O mesmo respeito pelas manifestações de crença não é observado em Últímio que constantemente revela o seu desejo de obter lucro com a venda da casa. Essa obsessão pela obtenção de vantagem financeira é percebida por todos como uma das piores faces da modernidade. Sobre esta forma insana de pautar a vida a avó Dulcineusa resume: “Uns possuem, outros são possuídos pelo dinheiro” (COUTO, 2002, p.32).

Em resumo, não só o respeito pela tradição, muito menos a assimilação inconsciente daquilo que a modernidade impõe, são capazes de garantir a sobrevivência em Luar-do-chão. São necessários o conhecimento e o respeito às tradições, acrescidos da ciência dos valores proporcionados pela modernidade para garantir os meios necessários ao convívio fraterno e harmônico em espaços marcados pelas feridas abertas pelo colonialismo, que persistem em suas cicatrizes no período pós-colonial. As atitudes machistas praticadas pelo avô Mariano, e internalizadas pelas próprias mulheres, como Admirança que não aceita a ajuda de Marianinho ao pilão por acreditar que “pillar não é tarefa de homem”, devem ser evitadas pelo jovem Mariano, apesar do acatamento que esta e outras posturas possuem na tradição. Já o respeito à natureza, aos mais velhos e às crenças, isso sim, deve manter-se para que Marianinho tome posse da terra. Essa última condição é apresentada no romance como requisito para que Marianinho possa relacionar-se com Nyembete – que figura na obra como personificação da ilha Luar-do-chão. É notório que tradição e modernidade podem e devem manter diálogo pois ambas são necessárias no contexto pós-colonial, sendo, portanto, complementares. Por outro lado, também se observa a necessidade de aprender com os equívocos de cada uma destas visões do mundo, reafirmando os seus valores e combatendo seus excessos e erros que, assim como “dificultavam a transição de Dito Mariano na fronteira entre os mundos”, podem causar empecilhos à Moçambique e demais nações no contexto da pós-colonialidade.

#### **4. OS PERSONAGENS DO ROMANCE “UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA” COMO METÁFORA DOS TIPOS SOCIAIS MOÇAMBICANOS NO PERÍODO PÓS-COLONIAL.**

A metaforização é uma ferramenta linguística bastante recorrente no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Desde o próprio título é perceptível a associação entre o rio e o tempo, bem como a casa com a terra. Outras figuras de linguagem também estão presentes na obra, como a metonímia – Ilha Luar-do-chão- para fazer referência à Moçambique. De modo análogo, as semelhanças são bem mais acentuadas quando se observam os nomes e, principalmente, a relação entre eles e as atitudes das personagens, e os tipos sociais de Moçambique e demais nações africanas

que partilham do mesmo processo histórico de invasão europeia e as consequentes colonização e descolonização, tanto territorial quanto cultural.

A começar pelo narrador-personagem – Marianinho- percebe-se a semântica presente em um nome que, por estar na forma diminutiva, permite deduzir na maioria das vezes tratar-se de uma homenagem a algum ancestral, ser uma pessoa a quem é dedicada especial atenção e carinho, bem como trata-se de alguém que deve adotar uma postura de discípulo diante de algumas situações, tanto teóricas quanto práticas. Realmente, as deduções anteriormente expostas podem ser corroboradas mediante uma análise da obra em questão, a partir do primeiro capítulo, estendendo-se ao longo do romance. Quanto ao fato do nome ser uma homenagem ao parente, isto é evidente na fala do tio Abstinência: “Você recebeu o nome do velho Mariano” (COUTO, 2002, p.5). O fato de haver recebido o nome do, suposto, avô significa algo mais relevante que uma mera homenagem. O próprio Marianinho reconhece nisto uma missão ao afirmar em pensamento: “Eu era a vida dele” (COUTO, 2002, p.5). Nesse sentido, ao herdar o nome do parente, Marianinho recebe inclusive a tarefa de dar continuidade ao legado de seu avô. Conforme foi mencionado anteriormente, o tratamento pelo nome em sua forma diminutiva pode representar também um modo carinhoso que sugere predileção e confere a primazia em determinadas situações. Verdadeiramente, percebe-se esta dileção em alguns trechos da obra, como por exemplo, no segundo capítulo, em que ao retornar à Ilha Luar-do- chão para o funeral do avô, Marianinho é informado pela avó que, mesmo contrariando a tradição, teria sido escolhido por Dito Mariano para presidir as cerimônias fúnebres. Nessa mesma ocasião, recebe também de sua avó, as chaves da casa, que embora seja verificado mais adiante, não apresentam uma utilidade prática, é um gesto profundamente simbólico de entrega das responsabilidades referentes à casa – Nyumba Kaya. Ao final do romance, no último capítulo, se comprova a escolha de Marianinho para continuidade da tradição familiar quando é dada a ele a função de reger a casa. No entanto, a predileção acarreta muitas responsabilidades, as quais demandam atitude discente do protagonista. Este discipulado se dará em forma de diálogos caligrafados entre o velho Mariano e Marianinho. Nestas conversas serão reveladas pendências de Dito Mariano que deverão ser solucionadas pelo jovem. Ao resolver as situações conflitivas herdadas do avô, Marianinho vai adquirindo o saber necessário à condução da casa e da ilha, como metáfora dos conhecimentos úteis àqueles que possuem o governo moçambicano e a responsabilidade pela guarda e manutenção dos costumes e tradições da Ilha Luar-do-chão. Após o repasse das lições e resolução das pendências do avô Mariano, o velho diz

ao filho: “Lembre de mim essa vergonha e cresça por cima da minha fraqueza” (COUTO, 2002, p.89). Além do aprendizado com seu avô/pai, Marianinho tem a oportunidade de adquirir conhecimentos acerca da tradição através dos diálogos com Miserinha, Juca Sabão, Curozero, Nyembete, Admirança sua tia/mãe, a avó, o tio Abstinência e se pai/tio Fulano Malta, entre outros.

Outro personagem tão central quanto o narrador do romance é Dito Mariano – a causa do retorno de Marianinho à Ilha Luar-do-chão por ocasião da processual morte daquele. O velho Mariano revela ao longo da obra muitos dos seus equívocos enquanto vivia plenamente. Muitos destes, relacionados ao trato com as mulheres, as quais ele prejudicou gravemente. Como justificativa de muitos de seus atos grosseiros “...o avô defendia-se na tradição” (COUTO, 2002, p.16). Uma das máximas desta tradição era a crença de que “homem não pode dar nem receber carinhos em público” (COUTO, 2002, p.16 ). No entanto, em sigilo, o avô relaciona-se com várias das personagens, e estes relacionamentos foram prejudiciais para algumas delas, como por exemplo: Miserinha, que fora amante dele e perdeu a visão após ser espancada na cabeça com uma mão de pilão pelo velho Mariano, pois este temia que os supostos atos de feitiçaria desta prejudicassem outra de suas amantes – Admirança, sua cunhada. Além destas duas mulheres, a obra deixa claro que o velho Mariano relacionava-se também com muitas outras e isto era causa de sofrimento para sua esposa Dulcineusa, que embora o amasse perdidamente, não tinha a mínima certeza da reciprocidade de seu sentimento. A perda da visão e a situação de abandono vivida por Miserinha, a impossibilidade de revelar e exercer de forma plena a maternidade a Marianinho por Admirança, a incerteza de ser amada de Dulcineusa, são alguns dos prejuízos causados às mulheres com as quais relacionou-se o velho Mariano, e por essas e outras razões “ o falecido estava com dificuldade de transição, encravado na fronteira entre os mundos”. Somente após a revelação dos segredos a Marianinho e a harmonização entre as mulheres a quem seu avô havia dificultado a existência é que Dito Mariano poderá ser enterrado na margem do rio, onde repousará à sombra de uma árvore, a qual segundo suas próprias palavras: “Esta árvore tal como eu, não tem cultura ensinada” (COUTO, 2002, p.97). As atitudes do velho Mariano podem ser interpretadas como aqueles que seguem uma tradição, mas não demonstram preocupação com seus semelhantes, como por exemplo as mulheres que tiveram suas vidas profundamente marcadas de modo negativo pela forma com que ele as tratava e as usava para satisfação de seus instintos.

As personagens femininas do romance revelam a beleza, a meiguice e os mistérios característicos da mulher africana. Os próprios nomes são bastante sugestivos quanto à personalidade destas figuras, como Dulcineusa, Admirança e Mariavilhosa. Nestas são perceptíveis a docilidade, o encanto que causa admiração e a abnegação de um ser humano que maravilhosamente, sacrifica o próprio corpo numa atitude altruísta. É incontestável o quanto Dulcineusa faz jus ao seu nome, demonstrando sua doçura, mesmo diante das situações conflituosas as quais era exposta no seio familiar que a faziam sentir-se viúva, mesmo quando seu marido ainda vivia. Da mesma forma, os encantos e desejos que Admirança provocava no velho Mariano – de quem era a preferida- em outros homens e no próprio Marianinho quando este não era ciente de que ela era sua verdadeira genitora, são indiscutíveis. Do mesmo modo, o papel exercido por Mariavilhosa na trama orquestrada pelo velho Mariano, requeriam alguém com uma nobreza de sentimentos condizente com tão sugestivo nome. Além destas, destacam-se Miserinha e Nyembete por suas aparições sempre envoltas em misticismo. Tal misticismo se apresenta não como uma névoa que confunde a mente de Marianinho, pelo contrário, sempre esclareciam para ele a forma como deveria proceder em sua jornada para assumir uma posição de mediador entre a ilha e a cidade, entre a tradição e a modernidade.

Quanto aos homens da família – Abstinêncio, Fulano Malta e Último- é evidente o quanto estes personagens são representantes fiéis de tipos sociais moçambicanos e de outras nações africanas irmanadas pelo infortúnio da colonização. A melancolia de Abstinêncio, sua abstenção diante da situação em que se encontrava a Ilha são percebidas em muitas pessoas que se acomodam diante das injustiças e permanecem em estado de letargia sem enfrentar seus próprios monstros. A incapacidade que Abstinêncio demonstrava para expressar sua indignação refletia-se também na vivência de um amor platônico por covardia de assumir publicamente seus sentimentos, vivendo, como muitos, apenas de aparências.

De acordo com Dito Mariano: “Abstinêncio se guarda sempre para o último” (COUTO, 2002, p.5). Desse modo, Abstinêncio seria o último a morrer, no entanto, pode-se interpretar que, na verdade, esse seu modo de proceder diante dos problemas da vida, o levam a ser o último a viver, uma vez que se recusa a protagonizar sua própria existência.

Fulano Malta – pai/tio- de Marianinho – é um legítimo representante daqueles que lutaram por uma causa justa, como a libertação de Moçambique e demais países colonizados, mas após a conquista da independência não se sentiram representados por

aqueles que substituíram os colonizadores no poder. Realmente, não só em Moçambique, bem como em outros países que conseguiram sua independência após várias décadas de lutas, o sentimento de frustração e decepção diante dos rumos tomados pelos substitutos no poder são refletidos nas atitudes deste personagem que durante algum tempo recusou-se a ostentar o uniforme usado nas batalhas. A falta de motivos que o levassem a comemorar a independência foi partilhada por muitos moçambicanos e noutras nações africanas também foram sentidas as mesmas razões que tornaram o sonho da liberdade em um pesadelo de exploração por outras formas de governo. Outra das características de Fulano Malta que o patenteia como tipo social moçambicano é sua recusa decisiva ao processo de assimilação imposto pela colonização europeia. Nesse sentido, Fulano representa muitos moçambicanos que sofreram consequências por seu apego às tradições ancestrais fazendo com que se percebesse “ como um estrangeiro, não numa nação, mas no mundo” (COUTO, 2002, p.25).

Por fim, Últímio é sem dúvida também um personagem que exemplifica muitos dos tipos sociais em Moçambique que abandonaram seus costumes e tradições ao aderirem ao processo de assimilação, vendo nisso uma oportunidade de obter benefícios financeiros com o sistema colonizador. Em várias passagens do romance é explícita a falta de caráter deste personagem que busca constantemente tirar proveito das situações e ampliar seu patrimônio. Tais atitudes, certamente, encontram reflexos em atores sociais moçambicanos que aproveitaram a situação de instabilidade tanto no período colonial, quanto no pós-independência para ascenderem financeira e politicamente, mesmo às custas do sofrimento de seus semelhantes. É sobre Últímio, e sobre aqueles que possuem as mesmas formas de vida que a avó Dulcineusa profere: “Uns possuem, outros são possuídos pelo dinheiro” (COUTO, 2002, p.32). A ganância, arrogância e desrespeito de Últímio continuam presentes não só em Moçambique, bem como em muitos países, principalmente por meio dos governantes que, como abutres, estão sempre a espreita de uma oportunidade que os permita lucrar com o prejuízo de seu semelhante, mesmo que esse prejuízo seja da própria vida.

Outro personagem que representam os tipos sociais em Moçambique é o médico Amílcar Mascarenhas, que assim como Fulano Malta havia lutado pela libertação moçambicana, mas teve o seu sonho de liberdade frustrado após o fim da colonização. Durante o romance fica claro o descrédito dos demais nos diagnósticos do doutor e ele aos poucos vai saindo de cena, chegando a conclusão de que após a revolução: “ assistiu à morte dos ideais que lhe deram o brilho ao viver” (COUTO, 2002, p.43). De igual modo,

procede com o padre Nunes que também não concorda com as injustiças presenciadas naquele lugar, mas não tem forças para enfrentá-las. Em dado momento, o sacerdote chega a reconhecer que sua instituição: “... parecia ajoelhar-se mais perante os poderosos que perante Deus” (COUTO, 2002, p.31). Apesar desta consciência, ele sai de cena assim como o médico, sem a capacidade de auxiliar a ilha na resolução de seus males, tanto corporais quanto espirituais. Nesse sentido, fica patente que nem a religiosidade, nem a medicina dos colonizadores são eficazes para garantir a conquista dos anseios dos povos africanos.

Por fim, os personagens Curozero e Nyembete podem ser erigidos como representantes dos fidedignos guardiões das tradições pela maneira como se relacionavam com a terra, o modo místico como buscavam solucionar os conflitos que se apresentavam no romance e em particular, a forma de comunicação de Nyembete com Marianinho a qual este não poderia possuir “...enquanto não tomasse posse daquela terra. Nyembete era Luar-do-Chão” (COUTO, 2002, p.96).

## **5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a leitura e análise do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* do escritor moçambicano Mia Couto e das reflexões desenvolvidas neste breve trabalho, ficam latentes alguns questionamentos acerca da forma como a humanidade tem se relacionado nos últimos tempos entre os seus semelhantes, com sua casa (chamada terra) e consigo mesma. Dentre as inquietações estão os conflitos causados pelo processo colonizador e as feridas deixadas por ele até os tempos hodiernos. Tais estigmas acentuam-se atualmente sob a forma da globalização que, embora se apresente como uma proposta de universalização, na prática desconsidera os valores e as identidades de muitos povos, além de negar as tradições e particularidades de várias nações. Nesta postura excludente reside uma ameaça ao sentimento de nação, tão caro e necessário para a manutenção das tradições diante de uma modernidade cada dia mais impositiva e menos dialógica. Ao apresentar a necessidade de incluir e atrair todos as personagens para a casa, como Miserinha – que estava nas ruas, Abstinência e Fulano Malta – que viviam em cabanas e demonstrar o desejo de manter uma relação duradoura com Nyembete, Marianinho representa a figura em torno da qual se dará a unificação da

Ilha Luar-do-Chão, e por extensão irá recuperar o sentimento de nação, prejudicado pela interferência externa da colonização e da globalização.

Outra conclusão possível ao final desta dissertação pode ser tecida em torno da tensão percebida no romance entre os elementos característicos da tradição e da modernidade. Na segunda seção deste trabalho é proposto um questionamento sobre uma oposição ou complementação entre estas duas visões de mundo e suas implicações no contexto póscolonial. Diante das diferentes formas de abordagem das personagens, fica explícito que existe a necessidade de um diálogo entre ambas do qual resulte uma correção de rota a partir da tomada de consciência das vantagens e desvantagens de cada uma delas. Nesse sentido, a complementação entre os valores da tradição e os saberes presentes na modernidade são fulcrais para que a Ilha possa reerguer-se e sair da condição transitória entre a vida e a morte em que se encontrava por analogia o avô Mariano. O reconhecimento dos males e dos benefícios proporcionados por estas formas de vida será o caminho proposto para que Moçambique encontre e retome sua identidade em meio à alteridade no contexto da póscolonialidade. A resistência à assimilação, o respeito às tradições e a adoção dos valores que a modernidade possa oferecer serão essenciais para que Luar-do-Chão sobreviva ao tempo (rio) e acolha na sua terra (casa) os seus filhos em diáspora geográfica e existencial.

Quanto a adoção das personagens como representantes de tipos sociais, percebe-se que existem posturas a ser corrigidas e virtudes a ser enaltecidas em alguns deles. Por exemplo, Abstinência e Fulano Malta possuem qualidades louváveis como o respeito à tradição e o amor pela terra. No entanto, ambos demonstraram, como muitos moçambicanos, certo desânimo no período póscolonial no qual seus sonhos de liberdade foram frustrados pela falta de representatividade e usurpação do poder por alguns oportunistas, como seu irmão Último e os tipos representados por ele. As próprias personagens femininas demonstraram ao longo do romance ter internalizado as práticas machistas e as aceitarem como valores, quando, na verdade, deveriam questionar tais atos e modificá-los de modo que lhes fossem favoráveis. Por fim, a personagem de Marianinho é representativa de uma classe jovem mais esclarecida que teve a oportunidade de adquirir conhecimentos relacionados à modernidade, como os estudantes da famosa Casa dos Estudantes do Império que foi o berço das ideias e ideais de muitos líderes africanos. No entanto, apesar da aquisição de tais conhecimentos, foi fundamental que estes alunos mantivessem sua ligação com suas raízes ancestrais e o respeito à tradição. Além da manutenção, faz-se mister o diálogo entre os saberes proporcionados

pela tradição e pela modernidade, como o fez Marianinho e a classe por ele representada. Como fruto deste diálogo, nasce uma maior consciência do papel social de cada indivíduo e da importância de adotar uma postura aberta à multiplicidade identitária e o valor contido nela.

Em suma, o romance convida à adoção de uma forma de vida pautada pelo sentimento de fraternidade e tolerância entre indivíduos com diferentes visões de mundo. Além destes sentimentos, a obra enfatiza ainda a necessidade de cuidar desta casa (chamada terra) por todos os que nela habitam, além de reconhecer e respeitar as lições do rio (tempo) tanto as que relacionam-se à tradição quanto as que são fornecidas pela modernidade. Desse modo, será possível a convivência harmoniosa entre os habitantes da terra (casa), inclusive daqueles que deixaram sua existência marcada no tempo, pois “Em Luar-do- Chão não há palavra para dizer meia-irmã. Todos são irmãos em totalidade” (COUTO, 2002, p.7).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989.

SARAIVA, Sueli. **Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano**. São Paulo: Terceira Margem, 2012.